VOO LIVRE

revista literária

Ano 1
Nº 7

O escritor Dias Campos e sua premiada crônica: "Quanta responsabilidade"

A multitalentosa Priscilla Hingred

EXCLUSIVO

Poema inédito da Alexandra Jacob

A REVISTA:

A **Voo Livre Revista Literária** surge num momento em que o meio literário brasileiro está carente de novas ideias para divulgar autores e livros. Quem escreve sabe que os custos para publicar e divulgar suas obras são muito altos e que praticamente não há respaldo das editoras nessa tarefa.

Rebatendo a velha ideia de que "*brasileiro não lê*", sabemos que os leitores estão em todos os cantos, ávidos por conhecer as histórias e poemas que são criados por nossos escritores tão criativos, basta que autores e leitores se encontrem de alguma forma, e isso pode ser presencial ou virtual.

Diante dessas questões, que afligem quem participa do mercado doméstico de livros, a **Voo Livre Livraria e Editora**, estabelecida desde 2015 em São Paulo, com uma história de divulgação de autores alternativos e seus livros desde seus primórdios, decidiu arregaçar as mangas e criar uma forma diferente de apresentar os atuais escritores a um novo público.

O CONTEÚDO:

Preparada pela escritora, editora e livreira **Marina Marino** e pelas colunistas **Adriana Santiago**, **Aldirene Máximo, Sônia Castro Coelho** e, a partir desta edição, **Eliaquim Batista,** além de autores convidados, a revista é mensal e contém diversas colunas, com o objetivo de divulgar vários autores ao mesmo tempo, garantindo assim um conteúdo de excelência, para a fidelização dos leitores.

Convidamos você a conhecer o nosso número 6.
Aproveite a leitura...

Sumário

6

Reportagem de Capa: O premiado escritor Dias Campos

14

Aldirene entrevista Priscilla Hingred

24

Poema exclusivo de Alexandra Jacob

26

Texto do blog de Maria Mortatti

40

O escritor das crianças, Paulo Mauá

E muito mais...

Editorial	4
Reportagem de Capa	6
Aldirene Entrevista	14
Poesia	24
Texto de Blog	26
Lançamento	30
Coluna do Eliaquim	36
Espaço Infantil	40
Dica de Livro	44
Séria Literária	46

Editorial

Nosso número 7

Época de férias, oportunidade para viajar na leitura. E os autores são especialistas em nos fazer viajar na mescla de emoções e informações que eles criam para nos levar exatamente ao local onde eles estão, como se viajássemos com eles.

Mas, para embarcarmos nestas viagens é preciso a mente aberta, nos despir dos preconceitos e esquecer todas as nossas referências de mundo, antes de abrirmos a capa do novo mundo que se avizinha.

Desde os tempos antigos, somos levados à lugares desconhecidos, que mexem com nossa imaginação, através da leitura. Fomos à Troia e percorremos todo o percurso de Ulisses na volta para casa, em Odisseia. Na Divina Comédia, fomos levados ao inferno, ao purgatório e ao paraíso. Sem falar em todo o caminho que percorremos, no clássico de Camões, Os Lusíadas, até às Índias.

Ah, essas viagens maravilhosas através da literatura são, na verdade, um pretexto para a nossa viagem interior.

Faz parte do trabalho do autor nos pegar pela mão e apresentar um mundo, talvez novo, talvez exótico e nos deixar contemplá-lo, como se estivéssemos sentados numa praça, observando o lugar.

Faz parte do trabalho do leitor descobrir essas praças por onde passam as histórias, os quintais onde existem os poemas, os jardins onde as rimas brotam, e as florestas, os parques, as cidades, as montanhas onde eles estarão em comunhão com o autor, enquanto viajarem juntos.

.

Marina Marino
Escritora, editora, livreira

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.

Clarice Pacheco

Reportagem de Capa

O premiado escritor Dias Campos , Comendador da Justiça de Paz

Por Marina Marino

Nós nos conhecemos pela internet, através de uma amiga em comum, quando criei o grupo **Livraria Voo Livre** no Facebook. **Dias Campos** passou a fazer parte do grupo em fevereiro de 2016 e, de lá para cá, compartilhamos um pouco de sua história naquele espaço.

O que nós não imaginávamos é a quantidade de premiações que nosso amigo escritor e poeta já recebeu em sua trajetória literária.

Para conhecer melhor Dias Campos, tenho que contar para você que ele é advogado por formação, graduado pela PUC-SP. Especializou-se em Direito Penal pela Escola Superior do Ministério Público do Estado de São Paulo e é também professor de Direito Penal e Processo Penal na Universidade Paulista – UNIP. Sendo assim, sua atividade literária não é só composta por textos de diferentes gêneros literários, mas contém também de obras e textos na área jurídica.

Dias Campos gosta de escrever e é um escritor bastante festejado no nosso meio. Iniciou a carreira literária em 2.008, com o conto **Valeu a Pena**, uma homenagem aos heróis da Revolução Constitucionalista de 1932 – MMDC. Depois disso não parou mais, define-se como prosador, espalhando seus contos e crônicas em inúmeras antologias por aí.

"Sou eclético. Tudo pode me servir como inspiração, desde as leituras que sorvo diariamente, até bate-papos com amigos. No entanto há um tema que muito me atrai: é a comédia".

Ele conta que é daqueles escritores que anda com uma agenda e vai anotando tudo o que pode se transformar em uma história empolgante. Mas isso pode levar algum tempo, pois Dias gosta de deixar o tema amadurecer. Talvez por isso tenha demorado mais de 4 anos para "colher" cada um de seus primeiros romances, aguardando os entrelaçamentos da trama maturarem. Digo a vocês que toda essa espera vale a pena, pois Dias recebeu diversos prêmios com suas obras.

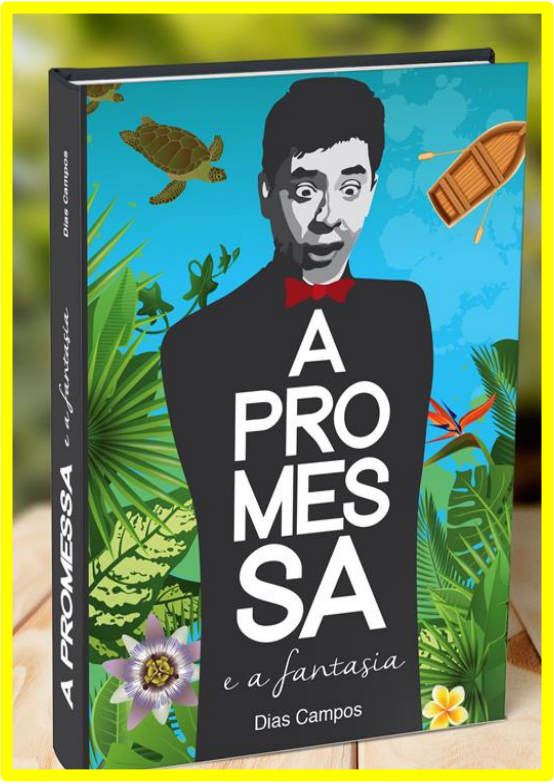
O ano passado, 2.020, foi bastante produtivo para o escritor, já que ele terminou seu próximo livro, que ainda guarda em segredo. Sabemos apenas que trata-se de um romance psicológico, como ele classificou. Foi também em 2.020 que recebeu o prêmio de Destaque Literário com seu conto "O Ipê Amarelo".

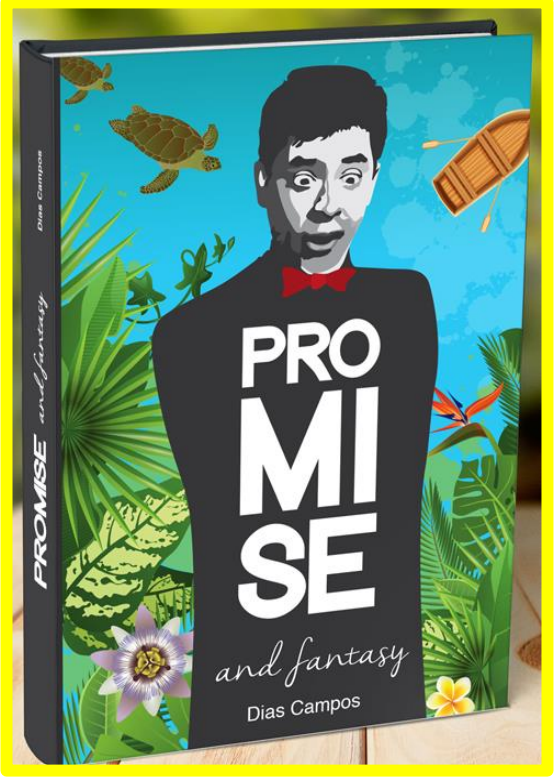
Para quem quer seguir seus passos na literatura, Dias recomenda que, antes de ser escritor, seja um leitor, já que, em seu ponto de vista, sem a leitura, a escrita terá pouca ou nenhuma qualidade e sugere começar pela leitura dos Clássicos. Fica a dica.

LIVROS PUBLICADOS

Uma história de Amor e de viagens, salpicada de bom humor. Paulo, advogado em São Paulo, Brasil, de uns tempos para o cá, tem sido perseguido por vozes em sonhos que, na verdade, são pesadelos. Estas vozes gritam-lhe palavras e frases carregadas de fúria, ódio e raiva.

Numa conversa amena com uns amigos num jantar, ouve um relato impressionante de alguém que fez uma Terapia de Vidas Passadas. Depois da reação inicial de um misto de pasmo e assombro, Paulo acaba por ceder e recorre à mesma clínica para se submeter a essa Terapia.





Para não deixar passar os 90 anos de Jerry Lewis em branco, o escritor Dias Campos presta uma homenagem a esse ídolo por meio de um romance. A história gira em torno de uma promessa, de um presente a ser entregue ao rei da comédia, fazendo com que o leitor ria desde o início e chore de emoção no final.

Na trama, o autor faz Jerry Lewis compartilhar com outros ícones, como Stan Laurel e Oliver Hardy (*O Gordo e O Magro*), Gene Kelly (o astro de *Dançando na Chuva*), e Cesária Évora (*A Diva dos Pés Descalços*).

Para que a eficácia desse ambicioso projeto fosse a mais ampla possível, Dias Campos fez questão de realizá-lo na forma *e-book*, nas versões em português e em inglês, que você encontra na Amazon.

No dia a dia é comum confrontarem-se opiniões absolutamente antagônicas sobre um mesmo assunto. Aliás, nas lides forenses isso é corriqueiro.

Como consequência, é natural que um dos lados prevaleça, seja porque é o mais forte, seja porque está protegido pelo direito.

Sendo assim, jurava que nenhuma outra hipótese seria suficiente para me deixar impressionado ou descontente.

No entanto, ontem à noite, quando assistia à televisão, acabei mordendo a língua...

Era um documentário sobre o posicionamento de vários escritores, atuais e do passado, acerca da esperança.

Dois deles me chamaram a atenção, visto que bem poderiam ser escolhidos os representantes daquele antagonismo.

Por mais paradoxal que seja, apesar do seu *Amor de perdição* e de ter sucumbido às tentações do suicídio, o extremo positivo era encabeçado por Camilo Castelo Branco, que proclamou "Bendita seja a esperança, filha dos céus, eterno cântico dos anjos."

No polo negativo, e a despeito de ser muito conhecido o urubu agourento de Augusto dos Anjos, foi José Maria Goulart de Andrade quem mais me impressionou ao dizer "Esperança, és um mal que prolonga a agrura dos vencidos da vida".

Mas se é verdade que não me sentia impressionado quando o documentário acabou, e desliguei a televisão, não menos exata é a afirmação de que estava bastante descontente.

O motivo? O lado para o qual pendeu a maioria daqueles escritores.

Ora, se nem Dante, quando percorria o purgatório, ouviu do seu guia-poeta, Virgílio, no Canto VI, de *A divina comédia*, que seria vã a esperança das almas que ali perambulavam pedindo preces, por que nos tempos de maior luz, em que até o limbo foi revogado, como quis o papa Bento XVI, aquela que "... nunca abandonou o infeliz que a procura" (Beaumont e Fletcher) seria a opção menos prestigiada por aqueles literatos?

Como já era muito tarde, deixei meu descontentamento de lado, tratei de tomar um banho quente, e me enfiei debaixo das cobertas. Quem sabe se no mundo de Morfeu eu encontraria uma justificativa que me satisfizesse?

Pois no dia seguinte, quando fazia a toalete, uma lembrança vinha diminuir a velocidade com que escovava os dentes...

Não sei se concordará comigo, amigo leitor, mas aquele desprestígio poderia ser respondido com a ajuda da conhecida fórmula por que um copo com água pela metade pode ser observado.

Nesse sentido, ou nos martirizamos porque *só* nos resta metade do precioso líquido, ou nos felicitamos porque *ainda* temos meio copo de água para beber.

Assim, quando a vida nos impõe um período de extrema dificuldade – e não há quem disso se safe –, ou o olhamos através das janelas embaçadas do pessimismo, o que, por certo, afastará qualquer laivo de esperança, ou o enxergamos por meio das lentes cristalinas do otimismo, que encontrará na filha querida da fé a sustentação necessária para enfrentá-lo e superá-lo, permitindo que saiamos dessa experiência mais fortalecidos (resiliência).

Daí eu pergunto: Qual deveria ser o papel do escritor contemporâneo nestes tempos cinzentos da COVID – 19?

Será que aquele que detém o poder de influenciar milhões de pessoas com o seu dom teria o direito de abalar, fraquejar ou até mesmo destruir a esperança daqueles que a ela se agarram, e por ela são beneficiados, só porque se identifica com o romantismo sombrio de Poe, adora voar no pessimismo schopenhaueriano, ou foi acometido da doença da Hiena Hardy? – Oh vida, oh azar...

Fico, então, imaginando se esse autor teria a coragem de manter o seu juízo sobre a esperança, caso tivesse que aconselhar um amigo que ligasse buscando reconforto, porque sua esposa, que pela manhã já vinha sentindo dificuldades para respirar, teve que ser entubada às pressas no final do dia por causa do novo vírus?

Mas como existe louco para tudo, não ficaria chocado se ele, além de manter o seu ponto de vista, ainda achasse oportuno citar Bacon como arremate. – "A esperança é um bom almoço, mas uma péssima ceia."

Ora! É justamente nestes tempos de pandemia que o escritor tem o dever moral de soerguer, de sustentar, de fortalecer e de estimular os seus leitores a seguirem adiante, esperançosos!

E note, leitor amigo, que ao defender essa postura, não estou rendendo graças a nenhuma síndrome de Poliana.

Apenas que o momento atual pede à literatura que defenda, que estimule e que difunda aquela que, no dizer de Grácia da Cunha Matos, "... é necessária ao coração como o sol à existência das flores."

Por isso, que tal se enaltecermos, e com um belo sorriso no rosto, que no dia em que escrevo esta crônica, mais de trinta e dois milhões de infectados no mundo já conseguiram recuperar-se daquela virose e estão a salvo em seus lares? que tal se frisarmos que, ao contrário do que acontecia há bem pouco tempo, quando eram necessários cerca de quatro anos para que criassem uma vacina, hoje, em menos de um ano! Mais de um laboratório já alcançou a última fase de testes à nova cura? que tal se enfatizarmos que, graças à possibilidade de flexibilização das medidas restritivas de direitos, muitas das atividades econômicas já estão funcionando, e, por força disso, estamos retornando para os nossos empregos?

Ou talvez fosse mais útil aos nossos espíritos que nos prendêssemos ao outro lado da moeda, àquele que faz da desesperança o seu triunfo, a sua meta, o seu ganha-pão?

Sinto muito, mas não posso crer seja esse o melhor dos caminhos.

Mas se ainda houver quem vacile, ouso apresentar esta última questão: Como gostaríamos que nossos filhos atravessassem este momento, descrentes ou esperançosos?

ALGUNS TÍTULOS RECEBIDOS PELO DIAS CAMPOS

✓Benfeitor das Ciências, Letras e Artes, título conferido pela Real Ordem dos Cabaleiros Sarmathianos;

✓Agraciado com a Medalha Mérito Acadêmico e com o Diploma de Mérito Cultural e Social, ambos conferidos pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – FEBLACA

✓Merecedor do Certificado Machado de Assis, conferido pelo Núcleo Acadêmico de Cultura, Letras e Artes do Brasil – NACLAB, 2020;

✓Agraciado com a Medalha Princesa Isabel A Redentora, conferida pelo Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências Letras e Artes e pela Confederação de Ciências Letras e Artes do Brasil – CONCLAB, 2020;

✓Autor Literário com Comprovada e Importante Atuação nas Artes Literárias Brasileiras, certificado pela Litteraria Academiae Lima Barreto, pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, pelo 1º Colegiado de Escritores Brasileiros e pela Pauta Literária BrLetras, 2020;

✓Destaque Literário 2020, concedido pela Mágico de Oz; Embaixador da Literatura, título concedido pela Corte Brasileira de Letras, Artes e Ciências - COBLAC, 2020;;

✓Ambassadeur Honneur et Reconnaissance aux Femmes et Hommes de Valeur, título concedido pelas Luminescence Académie Française des Arts, Lettres et Culture – Literarte, 2020;

✓

ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE PARANAPUÃ - ALAP
Fundada em 21 de outubro de 1989

1º LUGAR

Sente-se honrada em conceder o certificado a (o)

José Luiz Dias Campos Júnior

por sua classificação com 1º lugar em Crônica no Concurso Literário Virtual da ALAP em homenagem ao seu aniversário.

Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2020.

Maricé Prisco
Presidente

Flavia Mariath
Vice-Presidente

Paulo Caruso
Diretor Cultural

✓Destaque Cultural 2019, Destaque Social 2019, Embaixador da Paz e Comendador da Justiça de Paz, com a Comenda Internacional Diplomata Ruy Barbosa "O Águia de Haia", os quatro títulos conferidos pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos – OMDDH, 2020;

✓Prêmio Internet Coblac – Corte Brasileira de Letras, Artes e Ciências, 2020;

✓Destaque Literário no 33º, no 32º (2020) e no 28º (2018) Concurso Literário de Poesias, Contos e Crônicas, promovido pela Academia Internacional de Artes, Ciências e Letras a Palavra do Século 21 – ALPAS – 21;

✓ganhador do Troféu Destaque na 7ª Edição do Sarau Musical Cultural, 2019;

✓Menção Honrosa no Prêmio Nacional de Literatura dos Clubes – 2019;

✓Selo Destaque do mês de agosto, conferido pelo site Vozes da Imaginação, 2017;

Aldirene Entrevista

A multitalentosa Priscilla Hingred designer, escritora, ilustradora e poeta.

Por Aldirene Máximo

Certa vez, uma amiga me definiu a diferença entre dom e talento: "Dom, em inglês, é gift, ou seja: um presente. Diferente de talento, que é quando aperfeiçoamos nossas habilidades." E hoje, vos apresento minha querida Amiga - Irmã, Priscilla Hingred. Uma artista multitalentosa: designer, escritora, ilustradora e poeta. Ela herdou todos esses dons, aperfeiçoou os talentos e aceitou conversar um pouquinho comigo sobre seus lindos trabalhos.

Confiram:

Aldirene: Como iniciou seu amor pelas letras?

Desde muito pequena, eu tinha muita atração por aqueles livros interativos que vinham com palavras para preencher, cadernos de caligrafia, eu tinha muita curiosidade em desvendar as palavras que eu enxergava por toda parte mas ainda não conseguia compreender por falta de conhecimento, por conta disso aprendi a ler aos 6 anos, um pouco antes de ingressar no ensino fundamental. Aí fiquei naquela fase

Aldirene Máximo é poeta, escritora, antologista.

É também a colunista da Voo Livre Revista Literária que responsável pela coluna Aldirene Entrevista.

Nesta edição, Aldirene entrevista Priscilla Hingred.

de quem quer ler tudo, até bula de remédio, mas o que me fisgou para esse universo de vez e me fez descobrir como a leitura pode ser maravilhosa foram os gibis da Turma da Mônica. Nossa, como eu amava! Poderia ler vários seguidos sem pausa para intervalo... Aí fui aumentando a quantidade de texto e a variedade de autores, me apaixonei pela Ruth Rocha, Eva Furnari, Pedro Bandeira, Cecília Meireles, Ziraldo, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, e por aí vai, a lista das boas literaturas, foi assim que as letras me fisgaram, começou como uma curiosidade e se tornou um amor para toda a vida.

Aldirene: Quais dicas você daria para os pais para que as crianças se interessem por literatura?

Que eles incentivem o hábito da leitura levando as crianças a frequentarem livrarias, bibliotecas, que leiam junto das crianças, para que elas cresçam tendo essa noção de que a leitura pode ser muito divertida e lúdica. Quanto à escolha dos livros, é importante considerar que sejam ao mesmo tempo atrativos e tenham histórias legais, respeitando a faixa etária da criança. É bom incentivar, mas tem que fazer uma pesquisa do que é próprio para cada idade, levando em conta quantidade de texto, qualidade da escrita, coerência da história, diálogo entre o texto e as imagens, ilustrações convidativas. Na dúvida, os amigos livreiros estão aí nos setores infantis das livrarias prontos para darem as indicações mais apropriadas. Papais e mamães, vamos colocar essa criançada para ler! Assim elas terão maiores oportunidades para escrever com êxito suas próprias histórias no futuro.

Aldirene: Tem algum poema preferido? Qual e por quê?

Tenho alguns, vou falar brevemente sobre eles. Não poderia deixar de falar primeiro da minha amiga Aldirene Máximo, então entre os muitos escritos dela, elegi como favorito o poema "Busque" porque ele tem algo de esperançoso, de estar sempre buscando o melhor e não se deixar abater, eu gosto do otimismo e persistência contidos nesse poema numa linguagem tão singela. Também gosto muito dos poemas do Thiago de Mello, o meu favorito dele é o "Diário de um brasileiro", porque gosto de conteúdos com crítica social, e esse é praticamente "um tapa na cara", que

que mostra como infelizmente as coisas sempre foram difíceis na nossa sociedade e que nunca mudam para melhor, mas gosto de mensagens que passem esse choque de realidade e nos fazem refletir sobre o que significa "ser" humano e como podemos ser tão indiferentes ao sofrimento alheio ou acabamos sempre persistindo nos mesmos erros. Também coloco na lista de favoritos "Rabo de baleia" da Alice Sant'Anna, porque não encontrei algo que possa definir melhor meus momentos de cansaço e melancolia, me identifico 100% com esse poema.

No mesmo gênero dos poemas melancólicos, tem outro que amo, "Tabacaria" do Fernando Pessoa, o efeito que esse poema tem sobre mim beira a crise existencial, ele levanta tantas questões filosóficas, tantas reflexões dolorosas, cada vez que o leio, paro e fico perplexa sorvendo cada frase como se elas fossem palpáveis de tantas verdades contidas nessas linhas, quantas pessoas no mundo não irão alguma vez se identificar com alguma passagem desse poema? Ele é simplesmente real demais para ser ignorado, é tão sensacional que a sensação só pode ser compreendida por quem já o leu

Também entram na minha lista os poemas "Psicologia de um vencido" e "Versos íntimos" de Augusto dos Anjos, eles são pessimistas, mórbidos, tristes, mas acho que o que me faz gostar deles é a naturalidade com que o autor aborda temas que são tão desconfortáveis, mas também inevitáveis, e ele faz isso sem censura ou constrangimento, falando de coisas incômodas de forma natural. E finalmente, fecho a lista com "Congresso Internacional do Medo" de Carlos Drummond de Andrade, pois ele exprime em poucas linhas, a triste sensação que só o medo de absolutamente todas as coisas pode nos causar, vai parecer redundante mas é como o medo de ter medo, é a situação angustiante de não resta mais nada além desse sentimento.

Aldirene: Estudante de Letras, em algum momento da vida, já tinha sonhado em ter poemas publicados em antologias? Conte um pouco sobre essa experiência.

Na verdade, nunca tive intenção de publicar meus escritos, eu sou muito tímida e por isso os guardava só para mim. Eu não considerava que fossem dignos de publicação. No entanto, recebi o convite e pensei: "Por que não? Já que a oportunidade está aqui diante de mim, não vou deixá-la passar em branco". Então, não posso dizer que era um sonho ter algo publicado, mas como surgiu a oportunidade, eu achei bem bacana participar do projeto junto com tanta gente talentosa, e imortalizar pensamentos e sensações tão intensas para mim, foi muito bom poder fazer parte disso e compartilhar um pouco do que penso e sou com os leitores, de agora até a posteridade.

Aldirene: Das aventuras literárias que se propôs viver, o que mais te emocionou? Ver sua arte como designer, ilustrando capas de livros ou os poemas publicados?

Olha, essa é difícil, acho que um pouco dos dois. No caso das ilustrações, é muito gratificante para mim quando elas estão finalmente prontas e devidamente impressas, porque é uma ideia que tomou forma, eu estou ali externando a imagem e enxergando como algo que os outros também vão poder enxergar, algo que só existia dentro da minha mente, então, é como uma ideia que cria vida, e a sensação de ver o projeto concluído é maravilhosa, porque é algo que demanda muito tempo e dedicação para ficar pronto e rola um medo de que eu não consiga colocar no papel a imagem exata do que está na minha mente. No caso da escrita, vai mais ou menos pelo mesmo caminho porque também estou externando minhas ideias, mas existe uma atenção maior por parte das outras pessoas, ninguém se importa muito quando eu digo que ilustrei um livro, mas quando digo que participei como escritora, aí a credibilidade aumenta (risos), parece algo mais glamoroso, então eu tenho um reconhecimento maior. A ilustração me desperta uma emoção egoísta, o orgulho de algo que eu concluí com muita dedicação e para alimentar o me ego por ter feito uma ideia ganhar forma. A escrita já gera aquela alegria de quando as pessoas reconhecem o nosso trabalho, são sentimentos diferentes mas ambos muito bons.

Aldirene: Um dos poemas homenageia seu filho. Qual legado literário pretende deixar a ele?

Todas as boas literaturas que já li, é o que pretendo deixar. Já incentivo o gosto pelos livros agora, e quando ele estiver alfabetizado, com certeza vou indicar muitos bons livros para que ele tenha as experiências de leitura mais prazerosas e que agregue valores e lições que ele possa levar para a vida, assim como aconteceu comigo. Ele já tem uma mini biblioteca com livros infantis e eu tenho uma boa coleção de leituras essenciais que vão ficar de herança para ele, então, opções de boas leituras para ele, é o que não vão faltar. No que eu puder colaborar para incentivar o gosto pela leitura, vou fazer o que estiver ao meu alcance. Espero que quando ele crescer possa estar trocando indicações de livros comigo (Risos).

Aldirene: Já pensou em publicar um livro solo? Se sim, em qual gênero literário e por quê?

Até participar da antologia "Poetize-se", eu não pensava em publicar nada, mas percebi que para ter coragem de publicar, basta aceitar o primeiro convite. Então, tenho dois projetos de livros a serem escritos (que não saem do papel por pura falta de tempo), mas as histórias já existem e são os gêneros que eu mais gosto de ler, um é de contos de terror e suspense, o outro é de ficção e fantasia. São projetos que ficarão prontos a longo prazo, mas eu me prendo ao detalhe de que quero escrever algo que eu gostaria de ler, então, quando estiverem prontos, eu os lerei com o olhar do leitor e não da autora, se me agradar da narrativa, saberei que estão prontos para publicação, mas por enquanto são só ideias aqui na minha mente.

Aldirene: O Brasil é um país de poucos leitores. E autores contemporâneos têm pouco espaço no meio literário. Como você lida com essas adversidades?

Essa questão é bem complicada, mas eu acredito que o foco seja ensinar as crianças a adquirirem o hábito da leitura desde cedo, porque não há muito o que fazer em relação aos adultos que não gostam de ler, eles só vão ler o que os interessa ou nem mesmo isso. Na livraria onde trabalhei, quando um cliente falava que tinha preguiça de ler, eu costumava argumentar que é porque ele não achou o livro certo para o gosto dele, às vezes, a pessoa tem aquela preguiça de ler, mas eu acredito que o hábito pode ser adquirido se a pessoa procurar conteúdos que lhe interessam, é esse tipo de indicação que repasso às pessoas, que elas possam ler o que realmente gostem, ou vão estar sempre pensando que todos os livros do mundo são chatos, e nunca vão enxergar que elas é que estão escolhendo os livros "errados" para o próprio gosto. Na medida do possível, faça a minha parte para incentivar, mas acredito que essa questão pode ser melhor trabalhada se os pais trazem isso para a rotina da criança desde a primeira infância. E que venham futuros leitores!

Aldirene: Cite uma autora contemporânea que te inspira e o livro dela que você recomendaria aos seus leitores.

Gosto de várias, mas vou citar aqui a Suzanne Collins (Trilogia Jogos Vorazes), ela é incrível, escreve ficção com contexto político, social, cultural, histórico. Os enredos e narrativas dos livros dela são sensacionais, é aquele tipo de ficção que tem um pezinho na realidade, coisas que já aconteceram e que podem vir a acontecer, levantam questões para reflexão.

Aldirene: Literatura é...

Todas as possibilidades de ideias, memórias e universos, ao alcance das mãos, cabendo numa quantidade limitada de páginas, com mensagens que serão guardadas com o carinho que as lembranças das boas histórias deixam registradas na nossa memória para sempre.

Aldirene: Você integra a AILB, (Academia Internacional de Literatura Brasileira), em Nova Iorque. O que sentiu ao alçar esse voo?

Eu me senti muitíssimo honrada por poder fazer parte desta Academia! É uma emoção única, primei-ramente porque, para quem participa do universo literário, seja como autor, redator, revisor, ou qualquer outro trabalho que seja dedicado à escrita e às palavras, sabe que participar de uma Academia é um reconhecimento sem precedentes dos nossos trabalhos, é um reconhecimento à nossa dedicação enquanto produzimos esse tipo de trabalho. Então, me toca uma espécie de orgulho, pois sinto que estou me descobrindo e me desenvolvendo pessoal e profissionalmente neste seguimento que tanto amo, quando penso sobre isso, me pego dizendo a mim mesma: “Nossa, cheguei até aqui”, é um pouco surreal, mas sou muito grata pela oportunidade. É uma sensação muito gostosa, saber que estou indo no caminho certo, me dá muita alegria pois sei que posso continuar desenvolvendo potencial e aprendendo com essas experiências, com outros escritores que tive oportunidade de conhecer e prestigiar seus trabalhos graças a essas oportunidades. Tem sido realmente incrível poder ter parte nisso tudo, é, com certeza, um dos voos mais altos que eu poderia sonhar ou prever, mas eu não tenho mesmo medo de altura (Risos). Então, continuarei voando até onde minhas forças permitirem e minhas asas aguentarem!

Aldirene: Você participou de Elas e as Letras - Diversidade e Resistência. E ilustrou a capa do livro #Sororidade. Como se sente em fazer parte de projetos que incentivam e valorizam a escrita feminina?

Ah, é maravilhoso poder estar envolvida em projetos assim, pois é a própria definição de sororidade: mulheres se apoiando, trabalhando juntas, dando incentivo umas às outras. Em um contexto geral, esse incentivo é tão importante, pois pensem só, o Projeto "Elas e as Letras" por exemplo, dando tanta visibilidade ao trabalho de autoras independentes, de vários cantos do Brasil e do mundo, para exaltar a literatura nacional, um projeto voltado só para isso, eu, como ex-livreira, sei bem da importância de movimentos assim para a divulgação de autores, pois em um quadro geral, infelizmente, o mercado brasileiro de leitores não consome em grande escala livros de autores nacionais, de autores independentes, e as autoras geralmente têm menor visibilidade que os autores, logo, esse projeto além de ser uma obra deliciosa pela sua diversidade, é também um movimento cultural e social para dar voz e visibilidade à essas mulheres maravilhosas que merecem ser descobertas, ter seus talentos reconhecidos.

Quanto à ilustração do "#Sororidade", não consigo mensurar o quão importante foi para mim pessoalmente, por diversos fatores,

por se tratar de um tema tão necessário, que todas as mulheres deveriam ter ciência e colocar em prática; Também por ser mais um projeto em parceria com a querida amiga Aldirene, que está sempre me incentivando a seguir em frente apesar das dificuldades; E pelo desafio de desenvolver a capa de uma forma que pudesse ilustrar essa união e diversidade em toda sua essência, da forma como eu enxergo e acho importante esse tema, então, pensem sobre como eu transmitiria essa mensagem aos leitores através da imagem, foi desafiador chegar a um consenso criativo, pois tive várias ideias sobre o tema ao longo do processo de criação, então foi um pouco difícil escolher quais dessas imagens iriam ilustrar da melhor forma o tema do livro e a minha visão sobre isso. Houve a princípio esse pequeno impasse, mas o resultado não poderia ter me deixado mais satisfeita, eu consigo olhar a arte pronta e captar toda a mensagem que o livro transmite, eis a missão cumprida!

Gostaria de aproveitar para expressar aqui minha gratidão às autoras participantes do “Elas e as Letras - Diversidade e Resistência” por me permitirem participar desse projeto tão especial, e gratidão a minha amiga / irmã Aldirene, por todos os convites, incentivos, por todos os voos que alçamos juntas até aqui, e pelos que ainda virão. #Sororidade sempre!

Poesia

Poema Exclusivo para nossa revista de Alexandra Jacob

A espada do amor não correspondido

Enfiada no corpo por tempo fez escaras
Ao tentar retirar as agruras dos dias perdidos
Rasga a tez, o belo se desfaz devido a dor
Amor anestesiado, parado ficou
Sinto saudade das pequenas coisas
Da maneira como me olhava
Do beijo tão afoito que quase não nos enxergávamos
Quebrado o encanto o canto das sereias calou
Todos os sonhos foram para a caixa de Pandora que vez
ou outra é aberta e o mundo gira tentando refazer-se
Outra vez a vida baila em carrossel sem movimento
Em minha mente, passaporte, caminhos, malas prontas,
giros em rodas gigantes
Fechada para o amor, despeço-me
Do beijo com gosto de infinita saudade
Eis o resultado do mal amor, renascer
Dentro do mundo útero, cura
Digo aos gritos
AMAR é preciso
Digo aos gritos
Bem-vindo:
AMOR!

Alexandra Jacob

Texto de Blog

Lácio, Distrito Invisível

Por Marina Mortatti

MARIA MORTATTI

Escritora e professora titular na UNESP - Universidade Estadual Paulista. Autora de dezenas de livros e artigos científicos e dos seguintes livros de ficção: *Breviário amoroso de Sóror Beatriz* – poemas (Patuá, 2019); *Mulher umedecida* - poemas (Scortecci, 2ª. ed. rev. e ampl. 2021); e *Mulher Emudecida* – contos (Scortecci, 2021- no prelo). Blog LITERATURA & EDUCAÇÃO.

www.mariamortatti.com.br;

e-mail: mariamortatt@gmail.com

LÁCIO, DISTRITO INVISÍVEL

Maria Mortatti

I

Acordei com uma ideia incrível: é para Lácio[1] que vou na caminhada deste último domingo do ano. Planejo há tempos. É logo ali: 6,7 km me dizem o mapa e os daqui. Atrasei-me no computador. Era já meio-dia quando saí. Mas não desisti. Olhos concentrados. Passos cadenciados. Caetaneando na ponta de língua: "a poesia está para a prosa/assim como o amor está para a amizade"[2]. De repente, uma nuvem. Chuva de verão. Lembrei da janela aberta. Voltei correndo. Boca seca. Livros molhados. No próximo domingo – se não chover – vou conferir se ainda está lá a "última flor" e se é mesmo "inculta e bela"[3]. Hoje, sem poesia. Nem filosofia. Não falo alemão. Apenas sigo o conselho: "se você tem uma ideia incrível/é melhor fazer uma canção".

---

[1] - *Lácio é distrito de Marília, município do oeste paulista. Não confundir esta com a amada de Dirceu; nem aquele, com a região da Itália.*

[2] - *Da canção "Língua", de Caetano Veloso.*

[3] - *Do poema "Língua portuguesa", de Olavo Bilac.*

II

Embora não fosse domingo, no primeiro dia do novo ano decidi completar aquela viagem a Lácio. Atrasei-me - de novo - no computador. Mas não desisti. Saí ao meio-dia e prevenida. Fechei as janelas, comi batata-doce cozida, peguei a sombrinha vermelha e a garrafa com água. Dessa vez, nem Caetano, nem Bilac. Reli os conselhos de Kaváfis. O tempo todo Lácio na mente. Predestinada a ali chegar. Mas não terá me iludido, se o achar pobre[1]. Em frente. Caminhando decidida. Com pensamento altivo. Apreciando a monotonia da paisagem quase rural, fendida pela rua asfaltada. Vez ou outra um automóvel ou um condomínio residencial. Quase 7 km percorridos, e nada de Lácio. Nem uma vivalma a quem eu pudesse perguntar.

Cheguei ao final da rua. À frente e ao lado, os trilhos da antiga estrada de ferro e a rodovia. Mais adiante, um extenso muro de condomínio. Mas nada de Lácio. Não o achei pobre. Simplesmente não o achei. Ele mesmo, a ilusão? Voltei conformada. Com Calvino na mente. Elevando Lácio à condição de "distrito invisível". E ouvindo as explicações de Marco Polo

---

[1] - *Paráfrase de versos do poema "Ítaca", de Konstantinos Kaváfis.*

a Kublai Khan: “aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia sua viagem”[2].

Mais de uma hora de caminhada deu-me Lácio. Dessa vez, não fui surpreendida pela chuva, nem incomodada por fome e sede. Mas também não fiz nenhuma canção. Este texto ficou pesado. Talvez pelo que eu tenha aprendido no caminho. Talvez porque agora eu saiba o que significam Lácios. Assim foi.

(27.12.2020 - 01.01.2021)

---

[2] - *Do livro As cidades invisíveis, de Italo Calvino.*

Fonte das imagens: Acervo pessoal de Maria Mortatti

Lançamento

Antologia Ela e as Letras III

Organizada por Aldirene Máximo, Jullie Veiga e Adriana Mayrinck

Capa: Deise Lino

Por Rita Queiroz

O que dizer de uma antologia que reúne centenas de escritoras de várias partes do Brasil e do mundo, que homenageia Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães? O que dizer de uma antologia cujo tema é Submissão Ancestral?

Nós, mulheres, que há séculos vivemos sob o jugo da submissão e que, através da palavra, estamos nos rebelando diante do cenário imposto, temos muito a dizer em **Elas e as Letras III**. Através de textos em prosa e versos, viemos mostrar toda a nossa (in) submissão, a nossa transgressão, o nosso abre alas, pois queremos passar com a nossa literatura.

Muitas foram as pioneiras nesse movimento de insubmissão, quando nos era negado o direito à leitura e à escrita. Éramos apenas aqueles seres que deveriam aprender boas maneiras para não envergonhar a família, devendo ser cordatas, dóceis, amáveis. Nosso corpo e nossa mente não nos pertenciam. Não tínhamos espaço, éramos simplesmente reprodutoras daquele sistema que mantinha o homem como o centro da sociedade.

Rompemos alguns bloqueios e nos permitiram exercer a profissão de professora. Muitas mulheres estudaram e com isso foram ganhando espaços antes restritos. Aquelas que decidiram exercer outras profissões eram mal vistas, mas, em geral, foram seguidas e influenciaram milhares de outras mulheres.

As inspiradas organizadoras:

Aldirene Máximo

Jullie Veiga

Adriana Mayrinck

Lutamos todos os dias contra a violência que nos atormenta, nos sufoca, nos faz sentirmos menores. Mas é preciso matarmos, sempre, os leões que nos assombram. Somos todas mulheres no sofrimento e na luta, mas as mulheres negras sofrem e lutam muito mais, porque a cor da pele ainda é mais um obstáculo a ser vencido cotidianamente, em uma sociedade racista, machista e misógina. Mas somos mulheres, somos resilientes, somos reXistentes e estamos prontas para a mudança que tanto desejamos.

Insubmissão, substantivo feminino, porque somos mulheres e queremos mostrar a força que carregamos na palavra. Deem passagem, porque o **Elas e as Letras III**, com Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e mais sessenta e sete mulheres com seus textos e suas ilustrações vêm com a força ancestral que nos rege.

Prefácio de Rita Queiroz
Professora, Filóloga, Escritora

Rita Queiroz. Natural de Salvador, Bahia, Brasil. Professora Universitária, filóloga, poeta. Autora dos livros **Velas ao Vento**; **Confissões de Afrodite; O Canto da Borboleta**; **Canibalismos**; **Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?**; **Colheitas**. Organizadora de coletânea. Publicações em diversas antologias no Brasil e no exterior. Integrante dos coletivos "Confraria Poética Feminina", "**Mulherio das Letras**" e "**Coletivo de autoras de literatura infantil e infanto-juvenil da Bahia – CALIIB**".

As "feminageadas"

Sonhei
Carolina Maria de Jesus

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas
mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu
sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei.

Vozes-Mulheres
Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
    e
    fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Minha Mãe
Geni Guimarães

Gosto da inocência dela:
Benze crianças,
Faz simpatias,
Reza sorrindo,
Chora rezando.

Gosto da inocência dela:
Apanha rosas,
Poda os espinhos,
Coloca nas mãos,
De meninos branquinhos.

Gosto da inocência dela:
Conta histórias longas,
De negros perdidos,
Nas matas cerradas,
Dos chãos do país.

Ama a todo o mundo,
Diz que a ida à lua,
É conto de fada.

Gosto da inocência dela:
Crê na independência,
E é tanta a inocência,
Que até hoje ela pensa,
Que acabou a escravidão.

... Inocência dela...

Eliaquim Batista é formado em Letras (Língua Portuguesa) pela Faculdade Sumaré, trabalha no mercado literário desde 2017.

Como escritor, publicou o seu primeiro livro "Eu Sou Yanka" em 2019. É membro da União Brasileira de Escritores, mantém sua página na internet, o **Blog Vida de Escritor** desde 2018.

É também colunista da **Voo Livre Revista Literária.**

Literatura Periférica - Parte 1

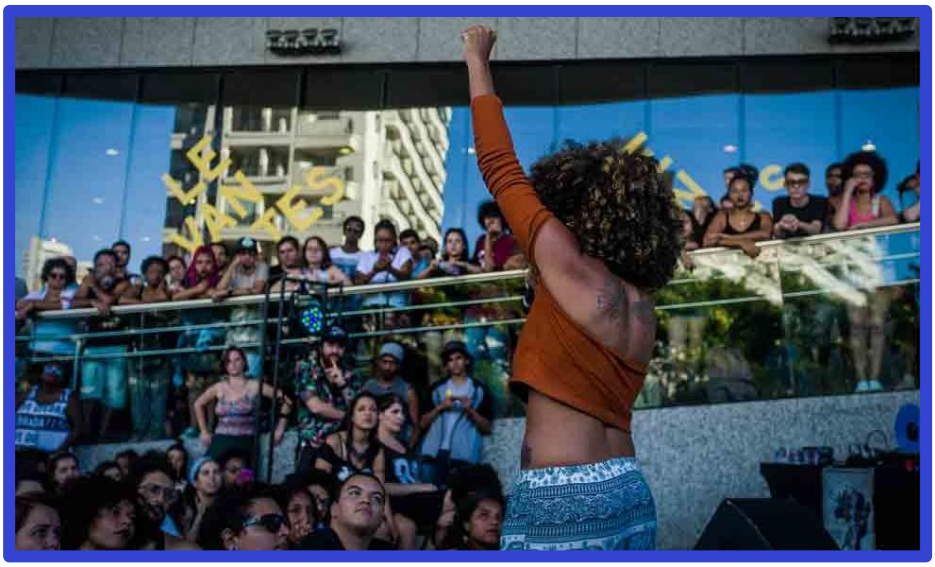
Saber ler já foi um privilégio para poucos. No Brasil, a taxa de analfabetos foi superior a 50% da população até a década de 1950. Em 2019, foi registrado pela Pnad que 6,6% da população não sabia ler e escrever.

Esse número ainda é alto e se dá devido a um dos grandes problemas do Brasil, a desigualdade social. Esse impasse se deu desde a época da colonização portuguesa. Com isso, até os dias de hoje muitos tem que escolher: Comprar um pão ou um livro?

Devido bibliotecas comunitárias, feiras literárias populares e incentivo de alguns bons professores, os livros chegam para crianças e jovens.

Outro ponto de encontro do livro com a população mais carente, são os saraus. O jovem que sofre discriminação pelo local que mora, profissão, etnia ou qualquer outro motivo, tem lugar de voz e vez em um "sarau da quebrada", que pode acontecer em um "boteco de vila", ou na "pracinha da comunidade".

Estes encontros poéticos, fazem parte o movimento "Literatura Periférica". Um grupo de grande repercussão da "quebrada", é a Cooperifa. Movimento criado pelo poeta Sérgio Vaz, que acontece no Jardim Guarujá, bairro adjacente ao Capão Redondo, extremo sul da cidade de São Paulo/SP.



Sérgio Vaz, poeta criador do Cooperifa

Uma vez por semana, jovens poetas pegam o microfone no “bar do Zé Batidão” e declamam seus textos, a famosa poesia falada, que relata o dia a dia da periferia, sejam eles: os sofrimentos da classe trabalhadora, dura crítica aos governantes e demais classes dominantes, sobre a nítida desigualdade aos nossos olhos e fazem um caos na população honesta da “quebrada”.

Em 2021, o movimento Cooperifa completa 20 anos de existência. e hoje, vai muito além dos saraus semanais. Uma vez ao ano, um festival de cultura e literatura toma conta dos bares, comércios, escolas (em especial), centros comunitários do Jardim Guarujá, Campo Limpo, Jardim Ângela e região, periferia de São Paulo/SP.

Segundo a professora Heloísa Buarque de Hollanda, na década atual, a literatura periférica encontra-se em seu auge e a Cooperifa é um grande braço de toda cultura deste movimento literário, que também engloba o texto em prosa, e artes literárias mais recentes no país, como o slam, a literatura de mimeógrafo (que teve seu início nos anos 1970) e até espaço nas universidades, a UQ – Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro.

Cooperifa

A arte marginal deve ser apreciada, estudada e consumida pelos que amam os clássicos, pois quem sabe não estamos diante de uma nova geração como aquela da Semana de Arte Moderna?

Continua...

Espaço Infantil

O engenheiro que escreve para as crianças

Por Marina Marino

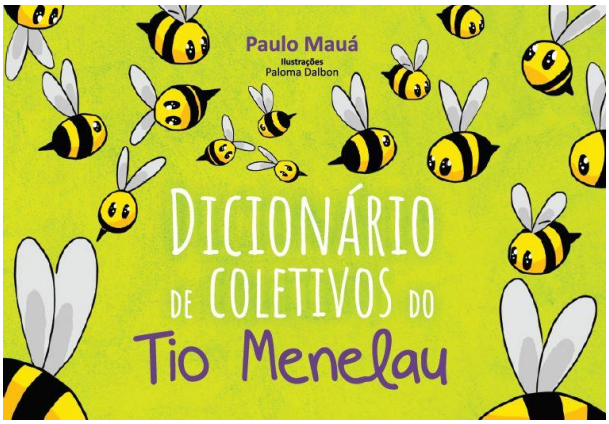
Você conhece o **Paulo Mauá?** Ele é santista de nascimento, mora em Santos com Malu e tem duas filhas, Carolina e Raquel. É escritor, músico, engenheiro, mestre em comunicação acessível, coaching de escrita, adora ler, ler, ler e ler. Adora filmes e prefere ir ao cinema com direito à pipoca.

Iniciou a escrita para crianças e jovens, depois de um passeio com sua filha a um borboletário, onde panapaná, o coletivo de borboletas, lhe deu inspiração.

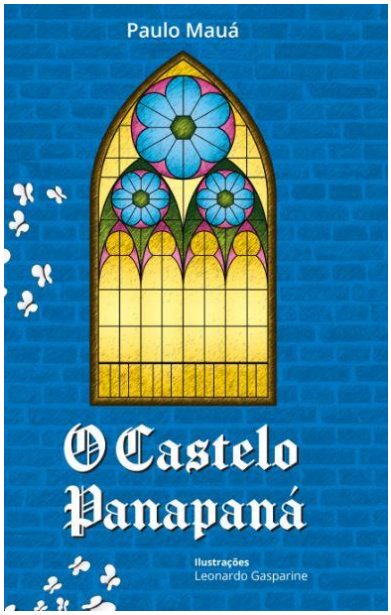
Dali surge seu primeiro livro da série Panapaná, **O CIRCO PANAPANÁ**, em 2014. Em 2016, lança **A ORQUESTRA PANAPANÁ** com a mesma personagem Beatriz. Em 2020, lança o **DICIONÁRIO DE COLETIVOS DO TIO MENELAU**, também **O CASTELO PANAPANÁ** e ainda o livro acadêmico **ENSINO DE MÚSICA PARA CEGOS SEM BRAILE: DESAFIO OU LOUCURA?** baseado em sua tese de mestrado de 2017.

Para este ano de 2021, vários livros já em andamento: **O ESPAÇO SIDERAL PANAPANÁ**, **A LENDA DE UAÇÁ E UANÁ**, **O DICIONÁRIO DE AUMENTATIVO E DIMINUTIVO DE TIO MENELAU** e **AS CINCO FACES DA LUA** (livros de contos para jovens e adultos), entre outros projetos literários.

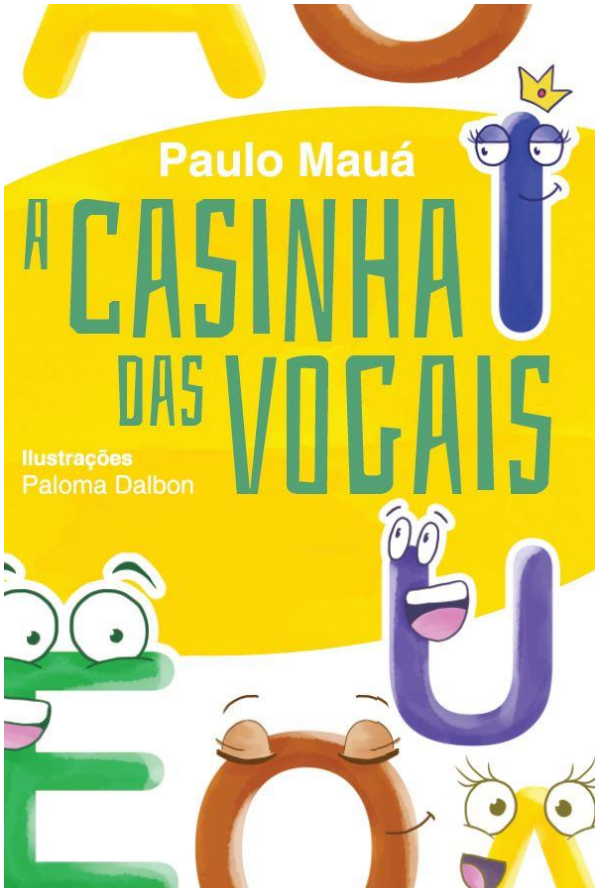
Alguns livros do Paulo, que as crianças vão adorar



O que o porco foi fazer na pescaria? Qual a diferença de esquadra e esquadrilha? O DICIONÁRIO DE COLETIVOS DO TIO MENELAU é de fato um dicionário de coletivos, de A à Z, com páginas coloridas e totalmente ilustrado. Cada uma das letras traz um respectivo coletivo em poesia para introduzir o leitor infantojuvenil nos coletivos através de versos. O dicionário de coletivo é citado no livro O CIRCO PANAPANÁ em forma de presente que a personagem Beatriz ganha do tio Menelau e com isso, desencadeia a descoberta das palavras pela protagonista e a trama do livro rumo ao circo.



O CASTELO PANAPANÁ, terceiro livro da série do autor Paulo Mauá, narra a saga de Beatriz, de nove anos, com Lelo, o cão, e Pingo, o gato, nomeados Cavaleiros da Corte, em busca do Dicionário de Coletivos desaparecido por motivos enfeitiçados. A aventura, ilustrada por Leonardo Gasparine, conta ainda com Sofia e Pedro, um menino com autismo com atuações fundamentais para desvendar mistérios pelos Reinos da Terra Panapaná. Venha descobrir um caminho fascinante recheado de cavaleiros, magos, bruxas, sapos gigantes, labirintos, caldeirões gosmentos e coletivos, muito coletivos.



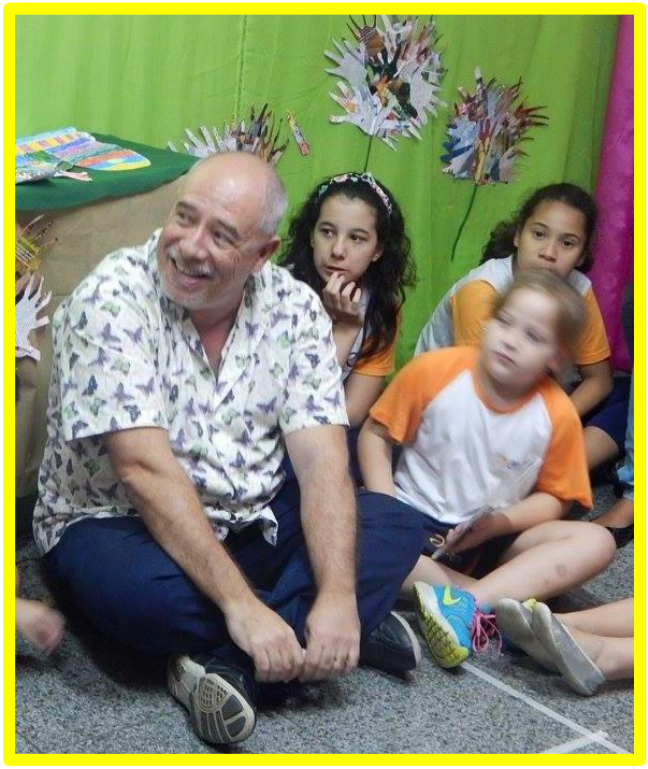
Na Casinha das Vogais tudo pode acontecer.

Aranha que espanta a filha mais velha A, meleca perdida do espirro espirrado do irmão E, sair lambuzado de chocolate com a irmã I ou espetado pelo ouriço que não brinca em serviço com O.

O bom mesmo é pular sem parar com o canguru do U.

Venha brincar você também!

O livro inclui áudio descrição (formato audiobook) com acesso ao QR-CODE dentro do livro, para as crianças em fase de alfabetização com deficiência visual parcial ou total.



Onde encontrar o Paulo?

Você pode encontrar o Paulo Mauá conversando com crianças por aí, mas também nas redes sociais.

No Facebook: **Paulo Mauá**
No Instagram: **@livrospaulomaua**

Os livros estão a venda na **Livraria Asabeça e na Estante Virtual.**

Dica de livro

Quer saber a diferença entre vender e negociar?

Vendemos o tempo todo. Ideias, opiniões, pontos de vistas, e em muitos momentos nos quais interagimos com alguém, não nos damos conta dessa interação. Entender a contribuição que as neurociências têm dado para o entendimento do funcionamento do cérebro humano, como no processo de venda é o foco do livro do **Marcelo G. Coutinho.**

O autor descreve, através de uma interação lúdica e divertida entre dois corretores, amigos de infância que se encontram por acaso e descobrem que exercem a mesma profissão, um mapa de como funcionam os mecanismos emocionais e racionais de um cliente no momento da compra.

O livro é um manual completo sobre os fundamentos de venda, com todas suas etapas: preparação, sondagem discurso, sinais de compra, objeções e fechamento.

De quebra, conceitua a diferença entre vender e negociar, a subjetividade do ser humano e a prevalência da emoção na decodificação daquilo que chamamos de realidade.

Encerra a obra com um diagrama simples, didático e completo do Programa Vendas Neurais, permitindo ao leitor praticar sua aplicabilidade no seu cotidiano.

A Venda Nossa de Cada Dia
A Nova Bíblia de Vendas
Marcelo G. Coutinho
Scortecci Editora
Administração
ISBN 978-85-366-4715-9
Formato 14 x 21 cm
172 páginas
1ª edição - 2016

Série Literária

TUDO FOI VIVIDO

Romance de
Marina Marino

Capítulo 7: A experiência da separação

Era domingo e o dia amanhecia em Londres. Chad teve um sono muito agitado e não conseguia ficar na cama, na deliciosa preguiça que sempre gosta de experimentar nestes dias em que não vai ao trabalho.

Preparou um chá e ligou o IPad que estava sobre o criado-mudo em seu quarto. Queria saber se as quatro caixas que enviara, há mais de duas semanas, haviam chegado em seu destino.

Com os códigos de rastreio em mãos, verificou que cada objeto enviado havia sido entregue conforme o planejado. Só restava saber quanto tempo cada uma das quatro mulheres demoraria para recordar toda a história que haviam vivido juntas.

Chad já havia recordado a época em que as cinco eram crianças e habitavam uma pequena aldeia na região da Bretanha, na França. Lembrou-se das casas que eram dispostas em forma de círculo e foram construídas com as pedras da região. Lembrou-se também que no centro do círculo havia uma fogueira que era acesa à noite ou durante os rituais. Como elas gostavam de estar ali, brincando e dançando ao redor do fogo.

Eram cinco meninas praticamente da mesma idade, que nasceram e cresceram juntas. Sentiam-se livres e seguras para brincar no campo, nos arredores da aldeia, subir em árvores, andar a pelo nos cavalos. Aprenderam com os pais que a vida é uma sucessão de novas experiências e descobertas, então era assim que passavam seu tempo, descobrindo coisas.

Faziam pequenas excursões pela região por isso conheciam bem o local. E iam deixando em cada trilha, em cada pedra, em cada riacho a marca de sua alegria. Chad recordou-se de cada passeio, dos banhos no riacho, das gargalhadas quando jogavam água umas nas outras.

A proximidade com a natureza, desde muito cedo, permitia a elas manter contato com os seres elementais, os guardiões do mundo natural, os quais recebiam as cinco meninas com carinho e deixavam que elas atravessassem a fronteira entre os dois universos para brincar.

A magia fazia parte de seu cotidiano e acabaram conhecidas como as Cinco Magas da Bretanha, aquelas que portavam as vibrações dos elementos da natureza, que a reverenciavam e assim puderam acessar ensinamentos profundos.

Em rituais de cura, quando se juntavam, uma ligação dinâmica ocorria entre elas. Do alto de suas cabeças, uma luz brilhante as unia num único clarão, que subia ao mais alto dos céus, dando às suas almas a leveza da espuma do mar.

Eram um só coração, que vibrava amor, que atraía os seres elementais e a festa da vida se realizava através delas.

Todos que tinham a oportunidade de participar destas cerimônias com as jovens, encantavam-se com o que sentiam e saiam dali levando no coração a capacidade de sonhar.

Talvez, por isso, a notícia tenha se espalhado. Vinham pessoas de regiões longínquas querendo estar com elas, querendo ser tocadas, querendo receber a energia da vida também. Mas nem todos, mesmo entre os que vinham, conseguiam se encantar com a beleza que se manifestava ali, diante de seus olhos. Havia corações de pedra e estes não entendiam o que significava a união dos corações, a fusão entre os dois universos sobre este solo.

E como o mundo se modificava naquela época, se afastando do estado natural, com outros povos cheios de ganância, desejosos de poder, de expandir impérios, viajando por aquelas terras, buscando onde dominar, o que acontecia na Bretanha passou a ser visto com desonra. Um plano foi arquitetado para desiquilibrar aquele viver livre e sublime.

Estavam as Cinco Magas banhando-se no riacho, próximo ao grande freixo, preparando-se para uma cerimônia que se realizaria ao cair da noite, quando uma carroça se aproximou. Homens barbados e sujos saltaram dela e, com cordas nas mãos, laçaram as cinco mulheres, que foram arrastadas para a margem.

Ao lembrar-se disso, Chad só poderia se entristecer. O coração apertado não queria ver o que a memória mostrava, mas era preciso.

Com sua beleza escondida na lama, ouviram as gargalhadas cruéis daqueles que abusaram de sua pureza, as agrediram brutalmente, as lançaram sobre uma montanha de folhas secas e atearam fogo em seus corpos. Ainda podia-se ouvir os gritos dos homens ao partirem: “Dancem agora, bruxas...”

Uma fumaça densa e escura subiu aos céus. Era vista à distância. Os elementos da natureza silenciaram, os seres elementais, ajoelhados em volta dos corpos carbonizados choravam. As folhas das árvores caíam sobre as cinco meninas da Bretanha, cobrindo os corpos brutalmente assassinados.

Nunca em toda a história da humanidade seres humanos conviveram em tanta harmonia com a natureza, em perfeita união com os povos elementais. Somente as Cinco Magas conseguiram esta façanha, mas agora estavam mortas. Morreram devido à fome de poder de alguns, devido à vontade de subjugar os que eram considerados mais fracos. Morreram para que o sagrado feminino fosse dilacerado e o masculino patriarcal impusesse seu poder.

O destino separou as cinco beldades. Quis que cada uma delas vivesse diferentes experiências, em outros corpos femininos, esquecidas do que foram, com o único propósito de recordarem quem realmente são, de reconhecerem a essência que as habita.

Chad despertou primeiro. Impaciente, tratou de planejar uma maneira de resgatar pelo mundo suas quatro companheiras, para que despertassem também, para que se reconhecessem. E era isso o que mais a mobilizava agora.

O momento do reencontro estava próximo. Com esta certeza, ela enxugou as lágrimas e abriu um enorme sorriso.

Colunistas:
ADRIANA SILVA SANTIAGO
ALDIRENE MÁXIMO
ELIAQUIM BARBOSA

Autores convidados:
DIAS CAMPOS
ALEXANDRA JACOB
MARIA MORTATTI
RITA QUEIROZ
CAROLINA MARIA DE JESUS
CONCEIÇÃO EVARISTO
GENI GUIMARÃES

Editora:
MARINA MARINO
Direção de Arte:
MÁRCIA GAUSS
Jornalista Responsável:
FÁBIO RUOCCO
Pesquisa e diagramação:
EQUIPE EDITORA VOO LIVRE
Fotografias e Ilustrações:
CEDIDAS PELOS AUTORES
FREEPIK.COM

Copyright©Voo Livre Revista Literária
1001/1-58/2021
Contato:
marina@livrariavoolivre.com.br